

O MUNDO PRECISA DE PAZ E COOPERAÇÃO

E NÃO DE GUERRAS!

Gilberto Rodrigues Machado *

No momento em que redijo este artigo, estamos na iminência de mais um conflito, cujo desenvolvimento poderá adquirir proporções apocalípticas e que o Papa Francisco denomina de “loucura”. De fato, ele está coberto de razão, porque as guerras trazem destruição, mortes e, por consequência, sofrimento aos enlutados e aos que lutam para sobreviver.

E, a depender da forma como os líderes mundiais reajam à inesperada crise, motivada por invasão de um país por outro, de maior poderio militar, esta agressão poderá ter desfecho trágico

para a espécie humana!

Por oportuno, se faz necessário esclarecer que esta breve exposição não tem por propósito analisar aspectos técnicos de uma ofensiva militar, suas causas e consequências. É assunto que requer muito estudo, sendo da competência de especialistas da área. Enxergo esta crise, tão somente, como espectador, sob o aspecto humanitário.

E, a partir deste olhar, constato a estreiteza de visão com que alguns seres humanos, investidos de poder, enxergam o mundo à sua volta.

Percebo que eles são insensíveis a esta reali-



dade tão cruel e que as suas decisões prepotentes criaram tanto malefício para determinada nação. Seus planos estratégicos de destruição ignoram o sofrimento de um povo. Não querem ou preferem não ver o óbvio, que pessoas lúcidas ou responsáveis veem com extrema apreensão...

O mundo já passou por duas guerras mundiais e o resultado foi catastrófico para os habitantes de nosso planeta. E, como se não bastassem perdas de vidas humanas com a pandemia da

COVID-19, que permanece ativa, vivemos a expectativa sombria de um número incalculável de mortes, principalmente, de inocentes, cidadãos civis e de soldados que estão na frente de combate de uma guerra fratricida.

É o que está acontecendo com a invasão de um país pacífico, atacado com recursos de meios terrestres, navais e aeronavais, por uma das potências nucleares da terra.

Além de perdas de vidas, deve ser denunciado o uso de recursos financeiros para finalidade bélica, os quais pagam a mobilização de tropas, combustíveis para os veículos blindados e munição para armas de médio e longo alcance, como mísseis lançados de navios, submarinos, helicópteros, aviões...

Tais recursos poderiam prover ajuda aos países pobres, na aquisição de vacinas, além de salvar vidas atingidas pela fome, não só no continente africano, mas também em muitas áreas, mundo afora, que sofrem com as consequências de guerras localizadas, como na Síria e Afeganistão, somente para citar as mais recentes e conhecidas.

E podemos, também, identificar as causas de atitudes tão insanas: a ambição desmedida por poder, a vaidade, a arrogância e o egoísmo. Estes dão o “pano de fundo” para as ações nefastas de determinados líderes políticos que, infelizmente, proliferam como pragas no cenário internacional, assumindo a barbárie como atitude banal, atendendo a propósitos ideológicos, a ex-



trapolar fronteiras.

O que os tais líderes não percebem é que suas atitudes ancoradas em ideologias retrógradas redundaram em fracasso. Eles não querem admitir que o mundo em que hoje vivemos evoluiu. Por isto, entre os mais lúcidos, percebe-se a compreensão no sentido da necessidade de mudança a respeito das relações entre os povos, a envolver o respeito à dignidade do ser humano.

Claro está que, na atualidade, não cabe mais a convivência entre as nações, condicionada pelo terror das ameaças de uso da força das armas ou de qualquer outra forma de dissuasão ou constrangimento, baseadas em premissas injustificáveis. É o que pode acontecer com países que, de uma hora para outra, podem ser invadidos e, assim, perder a sua liberdade e autonomia. Tais premissas não têm mais lugar em um mundo civilizado. Imagine que se determinado governante entender ser seu direito invadir outro país, o caos no mundo estará estabelecido e a vida neste planeta comprometida!

A partir deste ponto de vista, esses líderes, que têm a visão distorcida da realidade, precisam reavaliar as decisões que estão a tomar, em face dos últimos acontecimentos envolvendo o protagonista deste triste acontecimento e que almeja a hegemonia mundial. Ele quer impor pela força, e não pelo diálogo, os seus tenebrosos desígnios.

E urge, também, que esse antigo sistema de divisão de poder (Pacto de Varsóvia X OTAN),



na altura do fim da última grande guerra, estabelecido por acordo, seja desativado, porque apesar de, à época, ter cumprida a sua finalidade, nos dias de hoje tornou-se obsoleta.

Por isto, pode-se advogar pela extinção, também, da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), de forma a “desarmar os espíritos exaltados”, retirando o possível foco de tensão entre as nações oponentes e remanescentes da “Guerra Fria”, estabelecida ao fim da 2ª Guerra mundial.

Há que observarmos a exemplar atitude da Alemanha, um país que, sob a liderança de Adolf Hitler, tinha se tornado inimigo de grande parte de países europeus, pela ocupação de alguns deles, naquele conflito mundial. Todavia, após a assinatura do armistício, tendo sido dividida pelo muro de Berlim e, com a derrocada da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), em 1989, obteve a tão sonhada reunificação, simbolizada pela queda daquele muro.

A partir de então, esse país foi importante para a criação da União Europeia, modelo bem-

sucedido de integração entre as nações do continente. E consolidou-se como forte vínculo de amizade entre as nações europeias, o que permanece até hoje.

E fica a sugestão: que sejam postas abaixo estas divisões e diferenças, porque a humanidade é única, nascida neste tão belo planeta!

Mas hoje, infelizmente, a maior herdeira do poder nuclear da URSS, a Rússia, talvez por obstinação do seu líder supremo, apoiado numa ideologia ultrapassada, insiste, até agora, em pôr em prática ações que ferem o princípio sagrado da “autodeterminação dos povos”.

Assim, sem nos atermos às normas que regem o Direito Internacional, é de supor que a invasão de um país por outro, sem motivo relevante que o justifique, afronta o direito à existência do país invadido, tendo como agravante, além das mortes de seus cidadãos, a destruição material causada à nação agredida... ■

* Capitão de Fragata (Ref^o)